

CONSTRUÇÕES CORRELATAS DISJUNTIVAS SOB A PERSPECTIVA DA LFCU

Autor: Jovana Mauricio Acosta

Orientador: Ivo da Costa do Rosário

Doutoranda

RESUMO: Objetiva-se observar os padrões de uso das construções correlatas disjuntivas à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), tanto sincrônica quanto diacronicamente. A análise será pautada em construções como a seguinte: *A Corte residia, ora em Queluz, ora em Mafra, e Bemfica era ponto forçado de descanso para os cortesãos, ou na sua ida para o Paço, ou no seu regresso.* O objeto em análise será tratado como construção, por aderirmos à proposta atual da Gramática de Construções nos modelos de Goldberg e Jackendoff (2004), Croft (2007) e Trousdale (2008). De acordo com esses autores, *construção* é definida como um pareamento de forma e sentido que apresenta significado próprio, esquemático, parcialmente independente das palavras que a compõem, servindo, pois, como um esquema ou modelo que reúne o que é comum a um conjunto de elementos da mesma natureza. A LFCU parte do princípio de que a língua emerge a partir de seu uso e vai sendo moldada em meio a instabilidades. Alguns autores como Melo (1978), Módolo (2011), Castilho (2004) e Rosário (2012) propõem que estruturas instanciadas por conectores descontínuos sejam apresentadas como correlatas, e não como coordenadas ou subordinadas. Pretende-se, portanto, neste trabalho uma análise dos séculos XIII ao XX, observando quais as mudanças nos usos ocorreram nos resultados encontrados em comparação com o século XXI. Este trabalho configura-se como ponto de partida para uma proposta futura: a de traçarmos a rota construcional de mudança das correlatas disjuntivas em uso no português. Para tal análise, o *corpus* sincrônico escrito utilizado é composto por textos retirados de versões eletrônicas da Revista Veja (<http://www.veja.abril.com.br>). Já o *corpus* escrito diacrônico foi retirado de textos do CIPM (Corpus Informatizado do Português medieval) e do projeto Tycho Brache. Foram encontrados, até o momento, 250 ocorrências no *corpus* sincrônico e diacrônico

PALAVRAS-CHAVE: correlatores disjuntivos; uso; construção

Introdução

As construções correlatas disjuntivas são tradicionalmente conhecidas como coordenadas alternativas. No entanto, essas construções, apresentam características particulares que demonstram ser inadequada a inclusão das correlatas disjuntivas dentro do quadro da coordenação . Vejamos:

- (1) Nas praças, que são poucas, e pequenas, ainda que bonitinhas pela sua regularidade, e nos largos, com a seca, não há fontes nem chafarizes. As igrejas já se sabe que **ou são feias, ou pouco dignas de atenção**; este é o material da cidade; pelas ruas vi raríssima carruagem nobre, e poucas que se pudessem chamar lindas; os fiacres, isto é, as seges de aluguer, e umas cadeirinhas com as seges de aluguer, e umas cadeirinhas com rodas, tiradas por um homem esfarrapado, em lugar de cavalo, fazem fugir a gente com os olhos, pela sua porcaria.(Cartas de Eça, Sec. XVII)

Verifica-se a partir do dado citado, que a construção “*ou são feias ou pouco dignas*” não apresentam a independência típica da coordenação. Ao anunciar a prótase: *ou são feias* ,automaticamente, os usuários da língua esperam a presença da apódose: *ou pouco dignas* demonstrando que há entre as cláusulas interdependência.

A interdependência (cf. ROSÁRIO, 2012, 2013, 2014, 2015, 2017) é característica da correlação, processo que se coloca como um terceiro processo de estruturação do período ao lado da coordenação e da subordinação, mas que, no entanto, ainda é alvo de enorme debate entre os linguistas. Alguns autores como acreditam que a correlação é um processo a parte, visão adotada nesse estudo, outros acreditam que a correlação é apenas um subtipo dos processos já existentes.

O que podemos afirmar com exatidão, é que muito ainda há de ser investigado a respeito da correlação e, principalmente, sobre as construções correlatas disjuntivas. Sendo assim, pretende-se analisar a trajetória das construções correlatas disjuntivas dos séculos XIII ao XXI. Para tal análise nos pautaremos na abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso.

A Construção Disjuntiva

A Construção Correlata Disjuntiva, como já citamos, são as construções que apresentam alternância e interdependência entre as cláusulas. Foram analisadas construções correlatas disjuntivas dos séculos XIII ao XXI no corpus Tyco Brahe para a diacronia e no corpus do acervo digital da revista veja on line para o corpus sincrônico. Foram encontrados 150 *tokens* das construções correlatas disjuntivas. Vejamos:

Quadro 1- Usos das Construções Correlatas Disjuntivas

TYPES	Séc. XIII	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	Séc. XXI	total
ou...ou	2	3	4	7	7	5	6	11	16	58
seja...seja	-	-	-	-	-	-	2	5	6	12
ora...ora	-	-	1	-	-	-	2	7	4	11
nem...nem	3	1	-	5	8	8	10	-	1	35
quer...quer	8	2	-	-	-	-	2	-	1	13
quer...ou	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
seja...ou	-	-	-	-	-	-	-	-	5	1
nem...ou	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
TOTAL	17	6	5	17	22	13	22	23	35	150

Verificamos a partir da tabela que, no século XIII, a construção correlata disjuntiva mais utilizada era a encabeçada pelo correlator quer...quer, seguida de nem...nem e em seguida, o prototípico ou...ou. A análise nos revelou também, que as construções com ora ...ora tem seu primeiro uso somente no século XV. Já as construções com seja...seja são datadas apenas do século XIX. Vejamos alguns tokens das construções encontradas ao longo dos séculos:

(2) Acompanhou-a minha enfermeira. Fez com admirável facilidade esta excursão de ar livre. Voltou para casa dizendo-me que o exercício lhe fizera bem e que é de andar que ela precisa. Esta carta reconheço que não é alegre. Mas é sobretudo com inteira sinceridade que eu julgo dever redigir estes papéis. A solidão da minha alma nestes dias intermináveis de insônia é frequentada por revoadas sucessivas de borboletas ora azuis, ora negras. Não te preocupes muito com estes transitórios estados de espírito. (Ramalho Ortigão, séc. XIX)

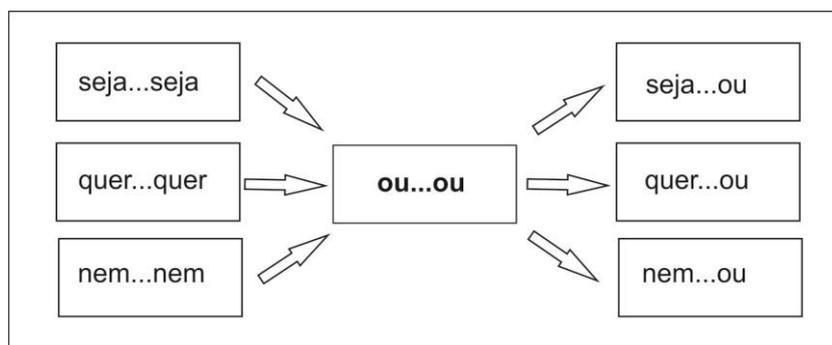
(3) costume e´ q(ue) sse for o´ome~ arreygado e lhj o mayordomo demanda co~omha no~ lhi deue a dar fiador se no~ entrare~ ao meter da enq(ui)ssa &

sse no~ ffor arreygado deue-lhi a dar fiador se o no~ pode recadar. costume e´ q(ue) sse o Mayordomo dema~da de furto ou de rouso no~ lhj deue~ a responder sen rancuroso. costume e´ **quer seia peo~ quer caualeyro** e q(ue)ro responder a algue~ que me dema~de no co~çelho poso´-o´ fazer ainda q(ue) o [mayordomo] no~ queyra. costume e´ q(ue) [nenhuum oueencil delrey non possa] meter vogado por ssey seno~ ele diga o **sseu** se o q(u)is(er) dizer. costume e´ q(ue) sse eu uou apos meu mançobo e lhj filho o q(ue) mj~ leua no~ so~o teudo a responder ao Mayordomo de ne~hu~a força. costume e´ q(ue) o mayordomo no~ pode nomear ne~ filhar enq(ui)sa ne~hu~a seno~ na vila ou en **seu** termho p(er) ne~hu~a demanda q(ue) ffaça ne~ pode dar mays de tres [testemunhas]. costume e q(ue) no~ pague~ custas aos Mayordomos p(er) razo~ de reuelia. (Séc. XIII- Dos costumes de Santarén)

Um fator interessante observado nessa primeira análise é a ausência do aparecimento dos types não espelhados em séculos mais antigos. De acordo com a análise aqui desenvolvida, esses usos aparecem somente no século XXI. Esse fato denota, que os usos das construções correlatas disjuntivas encabeçadas por correlatores não espelhados são usos recentes e confirmam a hipótese da analogização mencionada por Acosta em trabalhos anteriores.

De acordo com Acosta (2016) Os types não espelhados teriam sido formados por um processo de analogização a partir dos types já existentes. Esses *types* foram formados por meio da atração de membros e de construtos já existentes, que são os seguintes: *seja...seja*, *quer...quer*, *nem...nem* e *ou...ou*. Essas novas formas, alinham traços das velhas e das novas construções possibilitando a emergência de novas formas, novos *types* de construção alternativa Observe:

Figura 1- Efeito da analogização nas construções não espelhadas (ACOSTA, 2016, p. 86)



O esquema acima demonstra que a partir dos modelos já existentes, criam-se novos modelos de disjunção. De acordo com a abordagem construcional proposta por Traugott e Tausend (2013), esse fenômeno acontece porque, ao utilizarmos a língua, acessamos informações estocadas, e aquelas que são mais frequentes são acessadas com maior facilidade. Sendo assim, como o *type ou...ou* é o mais frequente, ele é mais facilmente recrutado pelo usuário da língua.

A análise revelou também que há um aumento, ao longo dos séculos, na frequência *tokens* na frequência *type* das construções disjuntivas. Ou seja, há um aumento nos *types*, nos tipos de correlatores utilizados pelos usuários da língua para estabelecer a disjunção correlata e há também um aumento na frequência *token*, ou seja nos usos.

A partir disso, embasados na abordagem de Sweetser (2010), analisamos construções correlatas com *ou...ou* dos séculos XIII ao século XXI, observando em que domínios foram recrutadas tais construções.. Os dados utilizados para análise foram compostos de textos do Corpus informatizado do português medieval (CIMP), para os dados diacrônicos (séc. XIII ao XIX) e do acervo digital da revista veja *on-line* para os dados sincrônicos (séc. XX e XXI). Foram analisadas, um total de 5.000 palavras em cada século. Os dados foram analisados qualitativamente.

Foram encontrados 47 *tokens* das construções com *ou..ou*. Vejamos:

Tabela 1 – frequência das construções com *ou...ou*

Séculos	Tokens
XIII	1
XIV	2
XV	4
XVI	6
XVII	9
XVIII	4
XIX	11
XXI	10
Total	47

A primeira constatação obtida a partir da coleta de dados, foi o aparente crescimento na frequência token¹ ocorrida nos usos das construções com *ou...ou*, ao longo dos séculos. Embora estejamos pautados em uma análise qualitativa, o aumento da frequência sinaliza um crescimento, considerável, nos usos dessas construções, a partir do século XIX.

Em seguida, submetemos os dados encontrados a uma análise semântica. Observamos os usos, ao longo dos séculos, nos domínios de conteúdo, epistêmicos e conversacionais nos moldes de Sweetser (2010). Vejamos os resultados encontrados:

Tabela 2- Usos das construções com *ou...ou*

Séculos	Epistêmico	Conteúdo	Ato de fala	Total
XIII	-	1	-	1
XIV	-	2	-	2
XV	2	1	1	4
XVI	4	2	-	6
XVII	4	3	2	9
XVIII	4	-	1	4
XIX	6	4	1	11
XXI	5	3	2	10
total	21	16	7	47

Verificamos a partir da tabela que os usos no domínio do conteúdo ocorrem desde o século XIII, já os usos nos domínios conversacionais e epistêmicos começam, a aparecer somente a partir do século XV. Vejamos alguns *tokens* encontrados:

Conteúdo

(1) Onde stabelecem(os) q(ue) logo que o bispo ou o enleyto for (con)firmado e quiser receb(er) as cousas d(e) sa eygreya e de seu bispado, receba todo dante seu cabijdoo e se(us) cooijg(os) da eyg(re)ya. E todos en huu faça~ screu(er)

¹ frequência de usos (Traugott e Troudale (2013)

todas as cousas q(ue) receb(er), auer mouil e no~ mouil e p(ri)uilegios e cartas e onrramentos da eygreya e o que lhy deuen, todo en guisa q(ue) out(ro) bispo q(ue) ueer depouys que sabya demandar as cousas que fore~ da eygreya p(er)o aquelle sc(ri)pto q(ue) for feyto p(er) todos, e se algu~as cousas das eygreyas uendudas achare~ **ou alleadas ou mal baratadas sen dereyto**, que o possa todo demandar e tornalo todo a ygreya, da~do o p(re)ço ao (con)p(ra)dor ou a q(ue~) lo arre~deu ou enp(re)stou sobre aq(ue)llo a macar q(ue) seya uendodo se o mostrar. Mays se por a eyg(re)ya no~ foy (CIMP-Dos Costumes de Santarén 1924)

Epistêmicas

(2) É impossível | que Portugal agora não tenha melhor a fazer senão ir nomear uma maioria regeneradora | , pelo costumado processo, e depois ficar à espera que chegue o momento de nomear | pelo mesmo processo a maioria progressista. **Ou** a minha ingenuidade é grande **ou** há | decerto alguns milhares de homens em Portugal que desejam outra coisa sem saberem o | quê. Em todo caso, eu, por mim, desejava algumas linhas de esclarecimentos: e | peço-te as, para quando tenhas "vagar e papel de mais". (CIPM- Cartas de Eça de Queirós, séc. XIX)

(2a) O atual modelo de escolha está viciado: O sistema de escola dos congressistas incentiva o clientelismo. Ele passa a ser condição da própria sobrevivência política do deputado ou do senador. O congresso atual não é representativo da sociedade. **Ou o parlamentar atende aos interesses de sua clientela ou não se reelege**. É uma loucura, mas o congressista, para garantir sua reeleição, muitas vezes é obrigado a adotar posições que vão contra o interesse nacional. (Ed.1582- pág.8-20/01/1999)

Atos de fala

(3) Quando se trata de trabalhos, quanto maiores e mais graves são tanto melhor é a sorte do que os padece. De [Santa](#) Isabel, princesa de Hungria: Os desprezos, pobreza e mais trabalhos hão-de ser recebidos solenemente com "Te Deum laudamus". Da seráfica virgem e doutora [Santa](#) Teresa de JESUS, falando com Deus: Senhor, não vos peço outra coisa senão **ou morrer ou padecer**. Da extática virgem [Santa](#) Maria Madalena de Pazzi, falando com Deus: Senhor, não morrer, para mais padecer. De [Santa](#) Ludovina, virgem, em

uma ocasião que seus próximos a vexaram: Muito devemos àqueles que nos ajudam a correr no caminho dos Mandamentos de Deus.

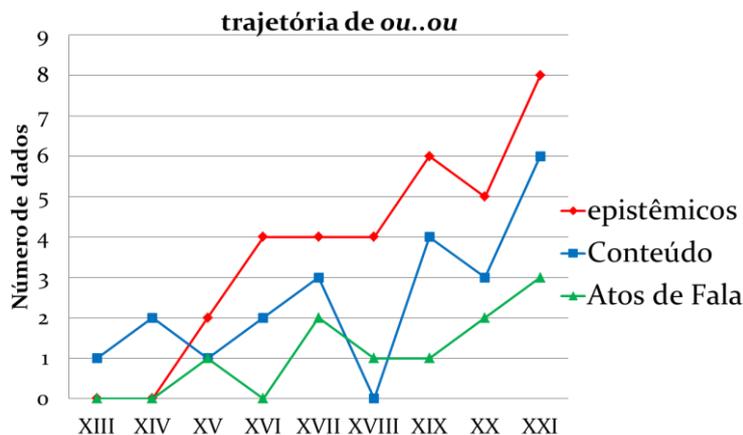
No token (1) as construções correlatas disjuntivas ocorrem como conjunções de conteúdos, pois a disjunção ocorre entre alternativas concretas, do mundo real: “alleadas (alienadas) e mal baratadas (mal vendidas). Já no token (2), ocorrido no século XIX, verifica-se um uso da construção com *ou...ou* sendo recrutado em domínio epistêmico. Notamos que a disjunção correlata ocorre entre crenças, julgamentos do orador, denotando um contexto disjuntivo abstrato com alternativas factuais. Segundo Sweetser (2010) no domínio epistêmico, as alternativas não correspondem ao mundo real, mas ao mundo das premissas lógicas.

O mesmo pode ser observado no token (2a) referente ao século XX, onde o orador faz inferências a partir de um fato, denotando assim, uma opinião sobre ele. Observamos, inclusive, uma leitura condicional, favorecendo o domínio epistêmico: Se o parlamentar não atender aos interesses da clientela, não irá se reeleger.

Já no dado (3) a construção correlata disjuntiva é recrutada em um contexto conversacional, em que orador faz uma súplica, um pedido. Ressaltamos, que foram encontrados poucos dados da construção correlata em domínios de atos de fala. De acordo com Sweetser (2010) umas das particularidades da disjunção neste domínio é o uso em interrogativas e construções imperativas. Tal fato, explica a carência de dados da construção correlata disjuntiva neste domínio, já que a construção com *ou..ou*, diferentemente da construção com *ou*, não pode ser recrutada em contextos interrogativos. A construção com *ou..ou* não licencia construções interrogativas, daí a carência de dados neste domínio. Sendo assim, algumas construções apareceram somente em construções imperativas como no dado (3).

Como vimos, as construções de conteúdo já ocorriam no português do Brasil desde o século XIII. Já as construções epistêmicas e de atos de fala aparecem, em nossa pesquisa, somente a partir do século XV. Vejamos então no gráfico, a seguir, como se deu distribuição desses usos ao longo dos séculos.

Figura 2- trajetória de *ou...ou*



Observa-se na trajetória de *ou..ou*, um crescimento considerável dos dados com usos em construções epistêmicas. O aparecimento desses usos no século XV provocou um impacto nos usos das construções de conteúdo, provocando assim, a sua diminuição. Embora os dois domínios: conteúdo e epistêmicos apresentem uma competição pelo uso nas construções disjuntivas, até os dias de hoje, é aparente a preferência pelo uso no domínio epistêmico.

O aumento nos usos epistêmicos das construções correlatas disjuntivas, parece indicar, nos moldes de Traugott e Trousdale (2010), um aumento na subjetividade dessas construções ao longo dos séculos. A subjetividade como já citamos, diz respeito à maneira como os falantes, ao longo do tempo, codificam suas crenças decorrentes das atitudes comunicativas do falante.

Todas as 21 construções disjuntivas epistêmicas aqui encontradas apresentaram crenças, atitudes e implicaturas conversacionais típicas da subjetividade. Traugott (2010), como já citamos, ressaltou que a subjetividade é uma neanálise semântica do significado primitivo da construção. Sendo assim, na subjetividade, as avaliações inferidas pragmaticamente são neanalisadas em contextos específicos.

Sendo assim, a partir disso, podemos concluir que as construções disjuntivas epistêmicas podem ser vistas como uma neanálise das construções disjuntivas de conteúdo. As construções disjuntivas, antes recrutadas somente em contextos mais

concretos, de conteúdo, foram sendo neoanalisadas, ao longo dos séculos, e recrutadas em contextos mais abstratos e de maior subjetividade.

Verificamos também, que as construções disjuntivas correlatas com *ou...ou*, ao serem recrutadas em contextos epistêmicos, formaram novos links semânticos na rede construcional resultando assim, nos moldes de Traugott e Trousdale (2013), em uma mudança construcional.

Considerações Finais

Verificamos, neste trabalho, que as Construções Correlatas Disjuntivas apresentam *types* variados desde os séculos passados, no entanto, podemos verificar que houve um crescimento na variedade do número de *types* no decorrer dos séculos. Observamos também, que os *types* não espelhados ocorrem apenas na atualidade e, como já citamos, formaram-se por analogização a partir dos *types* já existentes.

Ressaltamos que, para este estudo, priorizamos uma análise mais detalhada da trajetória do correlator *ou...ou*. Como observado, essas construções, apresentam aumento na subjetividade ao longo dos séculos, ou seja, antes eram recrutadas em contextos mais concretos e ao longo dos séculos foi sendo recrutada em contextos de subjetividade que apresenta uma crença ou uma opinião por parte do falante.

Por fim concluímos que a construção correlata disjuntiva precisa ainda de muitos estudos que tornem a sua nomenclatura e análise mais estável, visto que muito ainda há que se descobrir sobre o comportamento e sobre os usos dessas construções.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Jovana Mauricio. Análise funcional das construções correlatas alternativas. Dissertação de mestrado – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

BYBEE, J. *Language usage and cognition*. New York: Cambridge University press, 2010.

BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. (Org.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, 2004.

CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (Orgs.) *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad x FAPERJ. 2013.

CROFT, William. *Language structure in its human context: new directions for the language sciences in the twenty-first century*. Cambridge Encyclopedia of the Language Sciences, ed. Patrick Hogan. Cambridge: Cambridge University Press. Final Draft, September 2007.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006

SWEETSER, Eve. *From Etymology to Pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, E. C. & DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.